

Artigo

Navegar às cegas é perigoso

Luiz Firmino Pereira
Pesquisador do FGV CERI

Modelos preditivos dependem basicamente de uma boa, fidedigna e abrangente base de dados. A falha na quantidade e qualidade da informação gera resultado pouco confiável, ou mesmo a impossibilidade de se produzir algum.

Em 2024, a Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) produziu um relatório com cenários esperados para vários dos rios mais importantes do país.

Isso se deu, em boa parte, graças à informação disponível e produzida pela própria ANA, pela Rede Hidrometereológica Nacional (RHN).[1] Com essa rede, uma série histórica vem sendo produzida de longa data.

O estudo apontou que até 2040 a disponibilidade de água pode diminuir de 30% a 40% (ou mais), em bacias hidrográficas do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e em parte do Sudeste (conforme indicado na figura a seguir).[2]

Na Região Sul, o estudo indica uma tendência de aumento da disponibilidade hídrica, mas com tendência de aumento de eventos extremos, o que de fato vem se confirmando.

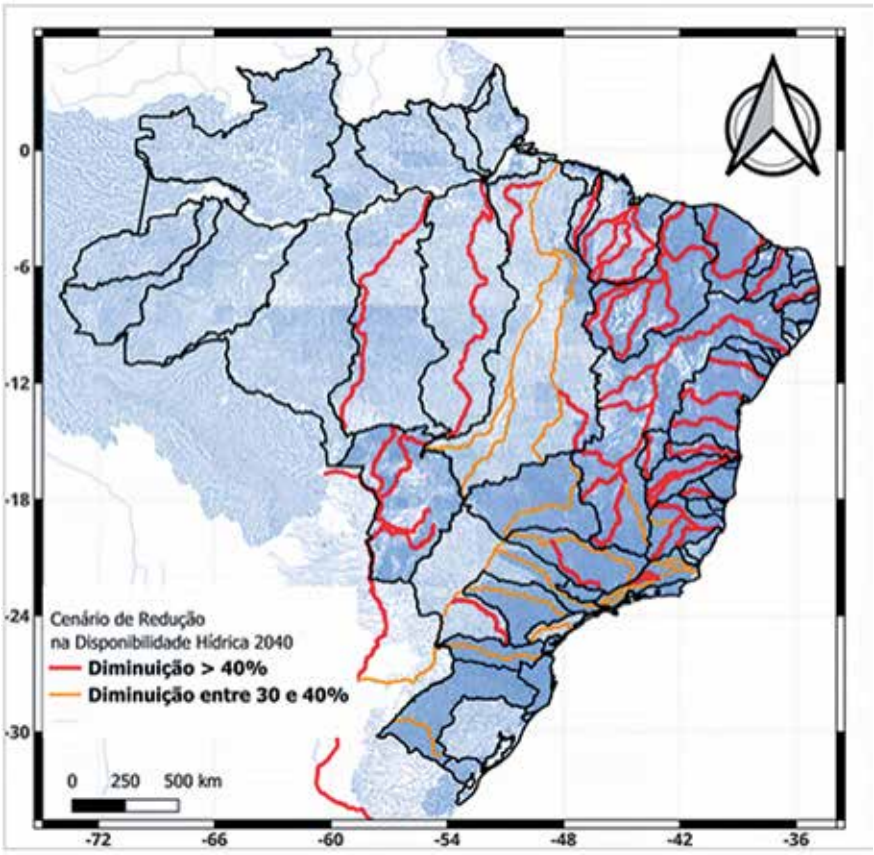
O alerta serve, portanto, para definição de politicas públicas calcadas em estratégias que possam mitigar os impactos que advirão – e que não são poucos.

Nossos rios geram pouco mais da metade da energia elétrica consumida no país, por um importante sistema de usinas hidroelétricas. Além disso, são os responsáveis pelo abastecimento de água da população, dessedentação animal, irrigação (produção de alimentos) entre outros usos.

Portanto, conhecer e prever seu comportamento nos anos futuros nos permite antecipar ações e elencar prioridades, como a necessidade de aumento da reservação de água.

A correta operação da RHN e dos dados hidrometereológicos produzidos é fundamental para a permanente calibragem desses modelos preditivos e consequentes correções de rumos.

Mapa sobre cenário de redução na disponibilidade hídrica até 2040



Por isso, preocupa bastante a recente redução do orçamento da ANA (contingenciamento), que obrigou a agência a diminuir sua operação direta sobre parte dessas estações, e mesmo a frequência das ações de manutenção, passando-as para intervalos maiores, com iminente impacto na produção dos dados.

Em tempos de mudanças climáticas e com uma sucessão de eventos extremos acontecendo, não ter recursos para a manutenção plena e adequada da RHN é como avançar aos poucos para uma navegação às cegas, em que a capacidade de antever o que vem pela frente se torna cada vez menos factível.

Enquanto finalizava este artigo, chegou a notícia de que os recursos haviam sido descontingenciados. Um alívio! Em tempos de El Niño, mais do que nunca é imprescindível enxergar com o máximo de clareza o que está acontecendo, calibrar os modelos e buscar viabilizar as políticas que visem implementar ações de curto, médio e longo prazo para adaptação e mitigação dos efeitos previstos.



[1]Resolução ANA no 225, de 6 de dezembro de 2024 – Define a Rede Hidrometeorológica Nacional, seus objetivos, princípios e organização, e competências da ANA.

[2]https://go.fgv.br/QHud4OvDG25.